



**CORPODEMIA: MICRO-ANTOLOGIA DA REPETIÇÃO RACIAL<sup>24</sup>**  
**CORPODEMIA: MICRO-ANTHOLOGY OF RACIAL REPETITION**  
**CORPODEMIA: MICROANTOLOGÍA DE LA REPETICIÓN RACIAL**

Allan Gomes de Lorena<sup>25</sup>

João Dantas dos Anjos Neto<sup>26</sup>

## **Resumo**

A partir de uma experimentação com a escrita onde arte, etnografia e imagem se encontram, o objetivo é especular sobre os limites do corpo, dando centralidade ao pensamento negro radical na reconfiguração de histórias e narrativas que ainda serão contadas. Trata-se de um movimento de produção do conhecimento. Se a imagem é sempre aquilo que é visto materialmente. Então, como manifestar o estado mais imaterial da imagem? Esse manifesto é uma pro/posição para criar novas imagens sobre a relação corpo e pandemia. É compromisso estético para criar mundos de vida ao invés de tantos mundos de morte para as pessoas negras.

**Palavras-chave:** Pesquisa qualitativa, Saúde pública, Racismo, Antropologia, Artes visuais.

## **Abstract**

From an experimentation with writing where art, ethnography and image meet, the objective is to speculate about the limits of the body, giving centrality to radical black thought in the reconfiguration of stories and narratives that will still be told. It is a

---

<sup>24</sup> Pesquisa desenvolvida sob o Programa de Pós-graduação em Saúde Coletiva na Faculdade de Medicina da USP em nível de mestrado com Bolsa Capes (número do processo: 88887.485987/2020-00). Todas as imagens apresentadas nesse artigo foram produzidas pelo autor na referida pesquisa.

<sup>25</sup> Mestre em Saúde Coletiva pela Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo - USP

<sup>26</sup> Professor do Programa de Arte e Cultura Visual- PPGACV da Universidade Federal de Goiás - UFG.  
JoaoDantas@ufg.br



movement to activate new worlds. If the image is always what is seen materially. So how to manifest the more immaterial state of the image? This manifesto is a proposition/position to create images where the relationship between the body and the pandemic is an aesthetic commitment to create worlds of life instead of worlds of death for black people .

**Keywords:** Qualitative research, Public health, Racism, Anthropology, Visual arts.

## Resumen

A partir de una experimentación con la escritura donde confluyen arte, etnografía e imagen, el objetivo es especular sobre los límites del cuerpo, otorgando centralidad al pensamiento negro radical en la reconfiguración de relatos y narrativas que aún serán contadas. Es un movimiento para activar nuevos mundos. Si la imagen es siempre lo que se ve materialmente. Este manifiesto es una proposición/posición para crear imágenes donde la relación entre el cuerpo y la pandemia sea una apuesta estética por crear mundos de vida en lugar de mundos de muerte para las personas negras.

**Palabras clave:** Investigación cualitativa, Salud pública, Racismo, Antropología, Artes visuales.

## Corpodemia: a relação entre corpo e pandemia

Corpodemia: vermelho, preto e branco; cores que estão presentes em corpos imaginados por uma pandemia. O que seria de uma pandemia se não fosse o corpo? O que seria do corpo se não fosse uma pandemia? O que seria de toda essa realidade do corpo se não fosse a realidade de uma pandemia? Corpos imaginados por uma pandemia: “as imagens gostam de caçar na escuridão de nossas memórias. São infinitamente menos capazes de nos mostrar o mundo que de oferecê-lo ao nosso pensamento” (Samain, 2012, p.15).

Corpos imaginados por uma pandemia não representam o mundo, mas abrem o mundo para o pensamento. A imagem como lugar de conhecimento questiona que tipo de



conhecimento pode vir das imagens. A imagem não é objeto, ela não espera ser objetificada: ela nos incita a pensar e fazer relações, nos levam e nos conduzem a outros horizontes e novos territórios de memórias.

Na imagem, o tempo não é linear,  
passado, presente e futuro  
se justapõem.

São sobreposições  
camadas de significados  
diferentes que se entrecruzam  
e unificam na experiência vivida.

A imagem é uma forma que pensa.

Corpodemia é uma imagem que pensa  
– e que pensa sobre as relações do corpo e a pandemia.

Não é “o que” elas pensam ou “sobre o que” elas pensam, mas “como” elas pensam. Imagem, então, no sentido amplo, de vidas que aparecem e surgem para nos contar algo, “uma sobrevivência, uma supervivência” (Samain, 2012, p.23). A AIDS, como a última pandemia do século XX, e a COVID-19, como a primeira pandemia do século XXI: pandemias irmãs de uma morte que não nos cai bem – ou, para lembrar Suely Kofes (2020, p.1), “o meu propósito era dizer a vocês que o enterro (não) esteve lindo”.

Os enterros de AIDS e COVID-19 indicam uma crítica dobra clínica. Clínica no sentido da classificação, da taxonomia desses corpos na pandemia. Crítica para mostrar como autópsias são processos sociais, que, vira e mexe, voltam como um fantasma. Um morto [e] vivo ao mesmo tempo. A imagem carrega essa expressão fantasmagórica de um trauma: o que aparece e o que desaparece? O que é visível e o que invisível? O que é vivo e o que é morto? Isso implica colocar as imagens em relação para ela poder falar. Exercício que envolve um fazer artesanal e até mesmo manual de colocar uma imagem em relação com outra. Que relações uma imagem pode revelar para outras imagens? A imagem de um



pensamento ou o pensamento de uma imagem pressupõe uma ideia que Jean Luc-Godard coloca no filme Palavra e Imagem (2018): a de “pensar com as mãos”. Trabalhar com imagens, é trabalhar com uma postura do “olhar”, “pensar” e “escrever” com imagens, partindo efetivamente de uma experiência e de uma experimentação visual (Bruno, 2019). É preciso entender essas imagens não como representações, mas como ações, como movimentos. Como bem disse Linn da Quebrada (2020) ao receber o prêmio MIAW Vale para Todes da MTV, “precisamos criar novas imagens, novos imaginários, para assim, cada vez mais ir além das representações e falar de presentificação; [de] um presente”.

Então, corpodemia

a cor vermelha

efeito social

sangue

“O sangue é o maior símbolo de tradução intersemiótica da Aids, mas a Aids não está só em nosso sangue, ela também ocupa um amplo espaço real do nosso imaginário” (Fonseca, 2020, p.3). A imagem do corpodemia é a possibilidade de experimentar a imagem como forma de pensamento. De que maneira as imagens, como forma de pensamento, podem dizer sobre narrativas que não são mais escritas ou textuais, mas visuais e, mais amplamente, sensoriais?

Todo corpodemia é, também, uma corpoética. Corpoética, translinguismo múltiplice elaborado por José Júnior (2013), configura uma expressão paradigmática, de muitas entradas e combinações, e cujas possibilidades são melhor discerníveis da seguinte maneira:

(Cor)([pó](ética)) – corpo: substância pulsante, pelos poros e tecidos da qual fluem redes de te(n)são, mo(vi)mento, poder, sangue, ar e suor; cor: punctualidade, tonalidade e singularidade de cada ser; poética: pulsão de criatividade, genialidade, talento e técnica;



pó: historicidade do corpo, desdobrando-se “nas lareiras da economia, nas praças da política e nas redes da cultura” (Lima Júnior, 2013, p.23); ética: possibilidade sempre aberta de (re)ação, inevitavelmente mesclando improvisado e controle; e, é claro, Corpoética.

O exercício de olhar para o corpodemia é de habitar o silêncio que essas imagens indicam. Olhar não necessariamente implica em falar, mas simplesmente uma (re)junção silenciosa. O silêncio, por sua vez, conforme Ingold (2015, p.111), “não é ausência de som; ao invés, ele é o som em sua forma mais concentrada: a mudez de um mundo tão denso, tão firmemente amarrado e trancado que nada consegue se mover”.

Por outro lado, o som – da fala, do assobio, do assombro, dos passos, da chuva ou do vento – anuncia uma fugitiva linha melódica que, escapando da imperiosa e imobilizante densidade do silêncio, foi lançada no turbilhão de fluxos do “espaço liso” [*smooth space*] (Deleuze; Guattari, 2004). A pandemia também é silenciosa: traz uma rigidez imobilizante e cuja quebra, por qualquer movimento, pode ser infecciosamente fatal. No silêncio do dia em que a Terra parou, as imagens, os afetos e os pensamentos gritavam.

O mesmo, segundo Ingold (2015), ocorre com as cores: o preto não é falta de cor, mas sim a cor em um estado tão denso que nada escapa, nem mesmo as linhas luminosas; e o branco não é a junção de todas as cores, mas sim a cor em um estado tão tênue e poroso que tudo se reflete, todas as linhas luminosas escapam. Entre as contenções da cor preta e as fugas da cor branca, o vermelho surge sangrando, meio jorrando para o mundo e meio circulando para as entranhas. O princípio de contenção/vazamento, que é evocado pelo branco, preto e vermelho, também permeia as pandemias da AIDS e COVID-19.

Escrever sobre o corpodemia é, antes de tudo, escrever como ver esse saber da imagem que desnuda o próprio saber. Saber o quê? Sobre o quê? Como? O que o saber revela sobre a pandemia de AIDS? O que o não-saber não revela sobre a pandemia de AIDS?

Se o vermelho constitui o sangue dessa pandemia, então o que significa ser preto e branco?



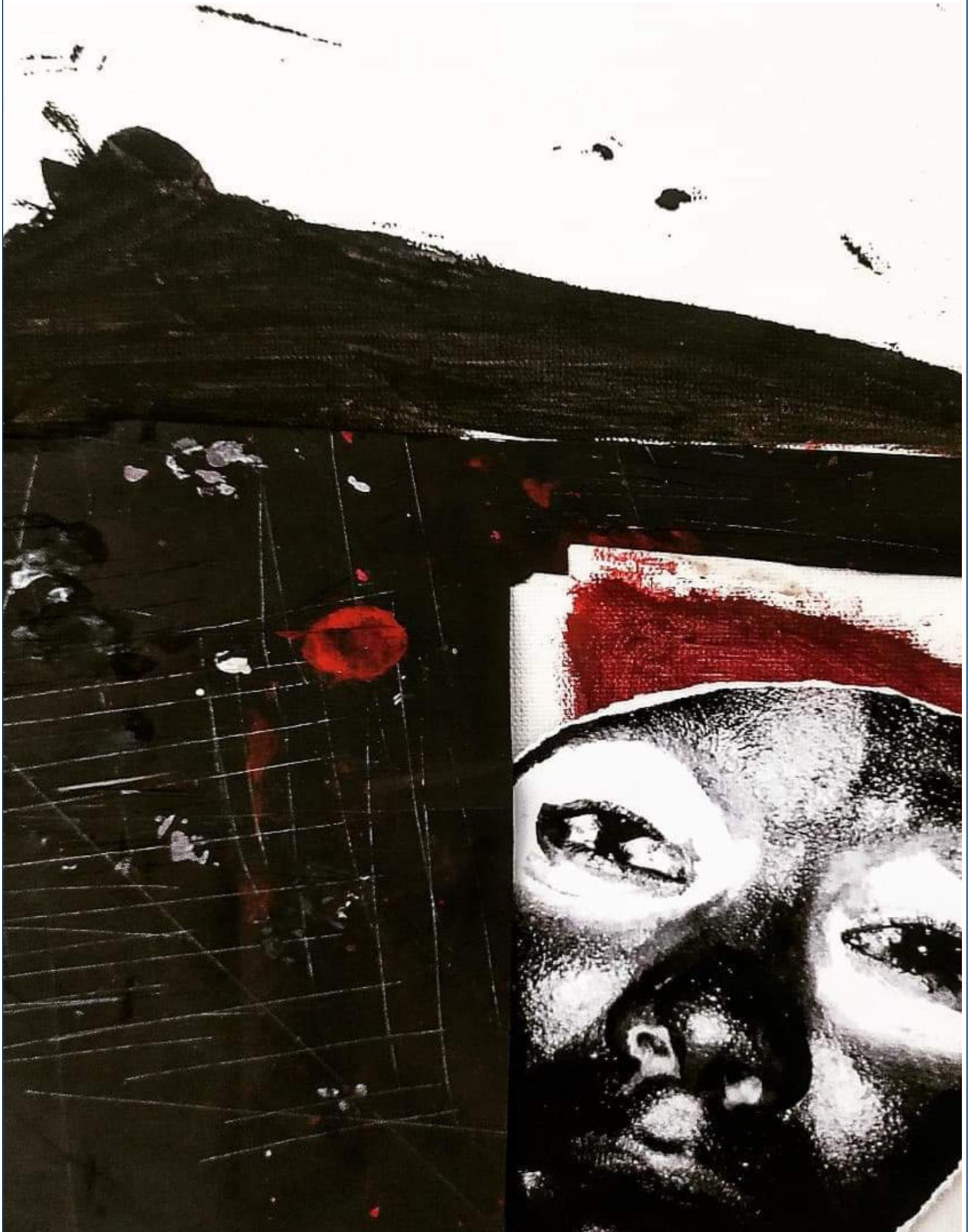
Não é enfrentar algo que já se sabe sobre o que é ter o sangue preto e branco, mas enfrentar esse não-saber desnudando que, até então, estava ocultado pelo saber. O não-saber é o ponto de partida para chegar no saber, é o ponto de partida do corpodemia.

Partindo do não-saber, é possível chegar ao saber, porém, para isso, é necessário desnudá-lo. Caminhando, assim, para um ambiente propício para olhar e parar para pensar sobre o corpodemia vermelho, preto e branco. Escrever sobre essas imagens não é fixar a imagem como uma categoria estanque, mera classificação, mas como experiência, montagem, fluxo, improviso, habilidade. Tudo no intensamente denso silêncio das imagens. Não é decifrar a imagem logo de início, porém se deixar levar pelo movimento que ela quer criar para “ver sem saber”, “ir ver mais de perto” e “descrever sem logo interpretar” (Maresca, 2012, p.38). Enquanto Paul Klee (1961) famosamente diz que desenhar é levar uma linha para caminhar, no caso das imagens, é justamente o desenhista que é levado para caminhar! Andando, perdendo e reencontrando ao longo das matrizes imagéticas que compõem nosso(s) cotidianos(s) e histórias(s). “Ver sem saber” é um ver processual, cujo saber flui na medida em que, aventureiramente, o ser se move por entre as imagens que costumam a experiência do corpodemia no mundo. Para ver bem um corpodemia, “mais vale erguer a cabeça ou fechar os olhos” (Barthes, 1984, p.84) do detalhe que capta a imagem “atingida em um estado, um esforço de silêncio (fechar os olhos é fazer a imagem falar no silêncio)” (Barthes, 1984, p.84) daquilo que é impossível dizer, mas possível diante de uma imagem que nos fere.



# Ambivalências

Revista do Grupo de Estudos e Pesquisa Processos Identitários e Poder - UFS





## **Corpodemia e imaginação radical**

No ensaio “O Fim da Supremacia Branca”, Saidiya Hartman (2021) faz uma reflexão sobre a atualidade do conto “O Cometa”, escrito por W.E.B Du Bois, em que o autor retrata a passagem de um cometa em Nova York, matando todos os habitantes da cidade exceto Jim (homem negro) e Julia (mulher branca). Esse conto discute o racismo através do encontro inesperado de Jim e Julia porque “ela não tinha notado que ele era um preto” e “ele não pensara nela como branca”, mas “ontem, ele pensou com amargura, ela mal o teria olhado” (Du Bois, 2021, p.21).

Desnecessário dizer que o conto de Du Bois são repetições do que Denise Ferreira da Silva (2019) entende como evento racial, ou seja, a sucessiva morte de pessoas negras no mundo. Além disso, “O Cometa” é uma denúncia à violência total; incluindo, aqui, a colonização, a escravidão e o genocídio como efeitos da racialização. Para Gilroy (2001), o conceito de racialização rompe com os padrões estabelecidos e legitimados que concebem raça como sendo uma simples característica determinada pela biologia dos corpos, ao mesmo tempo em que rompe com a visão de que raça teria alguma essência.

Como trabalhado por Michel Foucault (2005, p. 100), “a divisão, a percepção da guerra das raças se antecipam às noções de luta social ou de luta de classe”. De acordo com Foucault, o discurso referente à “guerra das raças” instituído nos séculos XVII e XVIII era dirigido contra o Estado e sua legitimidade, contra a sociedade e suas imposições, que encontra no início do século XIX uma transcrição num discurso de “defesa da sociedade” contra perigos biológicos, buscando a conformidade com a “norma” em nome da “pureza biológica”.

Banton (2010) afirma que, para elucidar as relações do mundo europeu, a raça operou como classe e nação. Classe, raça e nação são formas de categorização dos povos das Américas, das Áfricas e das Ásias como parte do processo da colonização, sendo que teorias raciais começaram no século XIX como conceito biológico e em função de um teor





# Ambivalências

Revista do Grupo de Estudos e Pesquisa Processos Identitários e Poder - UFS

científico. Neste contexto, escreve Banton (2010, p. 76), “europeus desenvolveram primeiramente o conceito de raça como uma interpretação da sua própria história”.





Como lembra Seyferth (2020), os bárbaros foram usados como dispositivo distintivo dos gregos em relação a outros povos, de modo a inferiorizar os segundos. A colonização da África e a escravidão sofreram diferentes nomeações ao longo da história, mas a existência dos bárbaros criava dúvidas sobre a existência de uma única linhagem de raça. Metáforas foram criadas, então, para falar de miscigenação. Elas tinham função explicativa, já que raça e bárbaros são conceitos étnicos para distinguir os civilizados dos não civilizados, dos bárbaros e dos pagãos. No processo de colonização, essa relação foi fundamental para a inferiorização do outro, levando à crença de que diversos povos africanos se encontravam em uma estância ontológica intermediária entre o homem e o animal, em algum lugar entre natureza e cultura, forjando imagens de criaturas quiméricas e monstruosas. Tal sistema classificatório possui como mecanismo basilar a hierarquização das diferenças entre brancos e negros.

Banton lembra que o corpo será um objeto de análise, configurando esquemas e metodologias para a compreensão da natureza. O processo de classificação será fundamental, já que todos os fenômenos poderiam ser classificados como objetos taxonômicos. Ele recorre ao conjunto de teorias e estudos do darwinismo social para explicar a supremacia racial branca. Considerando que as práticas racistas são resultado do processo de racialização do Ocidente e do mundo, Banton e Seyferth mostram que a categoria “raça” é filha do racismo e não sua mãe. Nesse sentido, tem-se a perpetuação de práticas racistas que afetam comunidades negras, africanas, afrodescendentes e não negros (brancos empobrecidos, imigrantes). A condição negra “deixa de remeter unicamente à condição atribuída aos povos de origem africana durante a época do primeiro capitalismo (predações de toda a espécie, destituição de qualquer possibilidade de autodeterminação) e, acima de tudo das duas matrizes do possível, que são o futuro e o tempo” (Mbembe, 2018, p.19-20). Ou seja, o negro é algo que escapa e é “representado como protótipo de uma figura pré-humana” (Mbembe, 2018, p.41), possibilitando e corroborando a criação de uma imagem mental do negro como inferior, como humanidade subalterna, um lócus de abjeção.



# Ambivalências

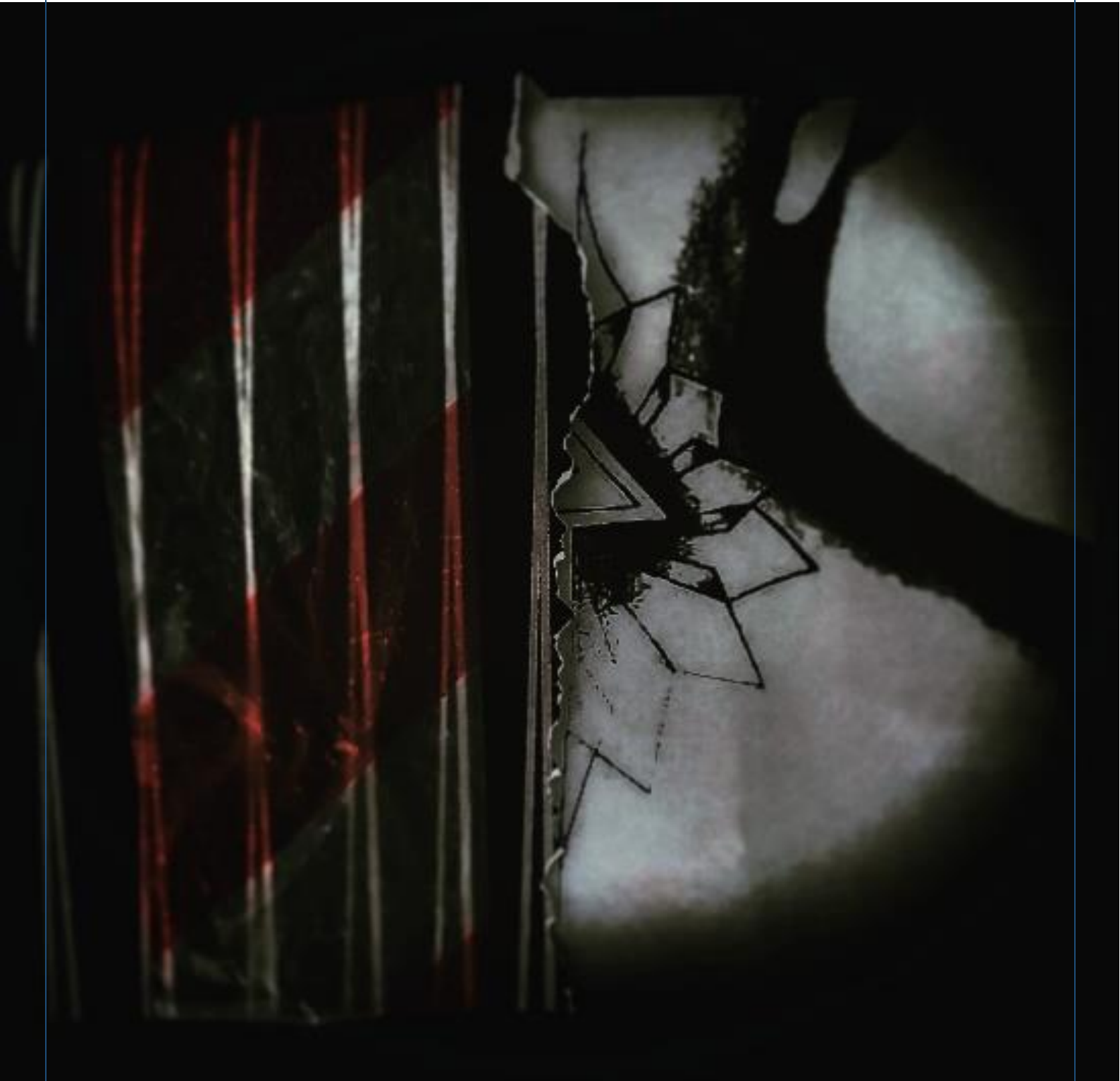
Revista do Grupo de Estudos e Pesquisa Processos Identitários e Poder - UFS





# Ambivalências

Revista do Grupo de Estudos e Pesquisa Processos Identitários e Poder - UFS





# Ambivalências

Revista do Grupo de Estudos e Pesquisa Processos Identitários e Poder - UFS





Em determinado momento de “O Cometa”, Jim entra em um restaurante para se servir de uma refeição farta. É também na convivência com Julia que Jim é visto como humano por ela. É no fim do mundo que Jim torna-se cidadão em uma cidade de duas pessoas com raças diferentes. Não é à toa que, refletindo acerca do filme “O Diabo, a Carne e o Mundo” (1959), Hartman (2021) assevera indelevelmente: “você olha pra mim, mas não me vê e se me visse, não se importaria”. Com essas palavras de fogo, demonstra que, mesmo no fim do mundo (tanto no ensaio como no filme), o racismo só pode acabar com o fim da humanidade. Eis o anúncio retumbante da impossibilidade de reconciliação com o mundo da branquitude. No ensaio “O Fim da Supremacia Branca”, Hartman (2021, p. 57) propõe ampliar o arquivo da Gripe Espanhola e do Verão Vermelho, “porque a cada ano, entre 1906 e 1920, os moradores negros das cidades tenham experimentado uma taxa de mortalidade equivalente ao número de pessoas brancas mortas no pico da pandemia”.

Estes cenários de catástrofe do mundo (e do corpo), bem como de fim do corpo (e do mundo), conjurados por Du Bois, não existem apenas em seus contos. Hoje, nós, todos os habitantes da Terra, vivemos submetidos à “Era da Perturbação Humana”, mais conhecida como Antropoceno. Embora seja de escala global, e isso Du Bois, se estivesse vivo, talvez fosse um dos primeiros a apontar, diferentes nações e diferentes frações sociais dentro de cada nação sofrem diferentemente o ônus destrutivo dessa era das degradações e extinções aceleradas. O prenúncio da escatologia declarada nesse neste “tempo das catástrofes” (Stengers, 2015) é a multiplicação exponencial de paisagens de diversidade contaminada, que erodem as composições multiespécie (incluindo as composições entre diversas frações dentro da sociedade humana). “Diversidade contaminada”, escreve Tsing (2019, p. 23), “é adaptação colaborativa a ecossistemas de perturbação humana. Emerge



como os detritos da destruição ambiental, da conquista imperial, dos fins lucrativos, do racismo e da norma autoritária — assim como do devir criativo”. No assombro das palavras de Tsing, residem tanto um ultimato quanto uma esperança. Ou as práticas infernais de extermínio do outro, seja das tantas populações não-brancas em geral, seja do próprio ambiente (e ambas estão associadas, bastando lembrar das práticas coloniais que, além de transformarem seus escravos em animais, impactaram profundamente as ecologias locais e globais através, dentre outros, do regime de monoculturas), acelerarão ainda mais a emergência total de um cenário Du Boisiano. Nesta toada, o grito de George Floyd, “I CAN’T BREATH”, ecoará pelas vísceras do restante da humanidade, começando, sem dúvidas, pelas largas camadas pobres e miseráveis, que habitam as periferias do sistema e os lixões ecológicos por ele gerados. Para onde vão nossos corpos? Para aticar mundos de vida em meio a tanta política de morte.

**As pessoas negras tinham sido autorizadas a morrer em grandes quantidades sem que uma crise jamais fosse declarada (...)** Os assassinatos dos homens eram muito brutais, mas o que a multidão fez com Mary Turner foi tão revoltante e apresentava detalhes tão horríveis que, enquanto editor, Du Bois relutou em divulgá-los (...). **Ela foi pendurada em uma árvore perto da ponte sobre o Little River. Então a embebedaram em diesel e gasolina e puseram fogo. “Ainda viva, uma faca, evidentemente uma daquelas usadas para abater porcos, abriu seu abdômen, e um nascituro caiu de seu útero até o chão.** O bebê prematuro chorou debilmente duas vezes e então teve a cabeça esmagada pelo salto do sapato de um membro da multidão. **Centenas de balas foram disparadas contra o corpo da mulher, agora misericordiosamente morta, e o trabalho estava feito.** Du Bois acreditava na importância de contar esse tipo de história (Hartman, 2021, p.58-59, ênfases adicionadas).



# Ambivalências

Revista do Grupo de Estudos e Pesquisa Processos Identitários e Poder - UFS



54

*Dossiê - A imagem e a disseminação do conhecimento em humanidades e artes  
n. 20 v. 10, jul-dez, 2022 (ISSN 2318-3888)*





## **A imagem pretificada**

Há uma obsessão em negar o direito de existência de pessoas negras, mesmo que seja em um estado inferior, subalternizado. É inviável a narrativa de uma imagem petrificada em um modo de vida vulnerabilizado. Imagem não é representação, é produção de conhecimento, é um exercício de produzir imaginação radical. Em uma fala-performance, Denise Ferreira da Silva (2019), pergunta: “porque a morte de pessoas negras no mundo não causa uma comoção global?”. E, então, ampliando a pergunta: como (não) contar histórias sobre imagens repetidas? Como escrever pesquisas em cima dessas imagens? Como a escrita pode tensionar o “livro dos mortos” (Hartman, 2020)? A imagem pretificada não é um conceito, são pessoas que foram petrificadas, jogadas dentro do cemitério, corpos com cimento e terra, a-histórico. A imagem pretificada é a imagem de pessoas negras (homens, mulheres, crianças, idosos, travestis, transexuais, não binários) atravessados ou destruídos pela necropolítica generalizada.

A imagem pretificada é a possibilidade de imaginar uma história adormecida: é a capacidade de reconhecer que a população negra enfrenta uma pandemia para além da AIDS e da COVID-19, da gripe espanhola ou do genocídio, mas a “sobrevivida da escravidão”, segundo Hartman (2021a). Cada imagem, não se encontra em uma pessoa negra, se encontram em histórias que acionam imagens e modos de produzir conhecimento. Dubois (2021a) sempre acreditou que os estudos sobre a população negra não são honestos porque partem da hipótese da morte, da vulnerabilidade, de um estado de abjeção. Os estudos devem partir da vida que merece ser vivida e as imagens tem a possibilidade de “entrar e sair do arquivo da escravidão” (Sharpe, 2019, p.34).



O desafio da imagem  
não reproduzir violência  
sair vivo do necrotério

## Referências

Banton M. **A Ideia de Raça**. Lisboa: Edições 70, 2010. Du Bois W. **O Cometa**. São Paulo: Editora Fósforo, 2021.

Barthes R. **A câmara clara: nota sobre a fotografia**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

Bruno F. **Potências da experimentação das grafias no fazer antropológico: imagens, palavras e montagens**. Tessituras: Revista de Antropologia e Arqueologia, v. 7, p. 198-212, 2019.

Deleuze G, Guattari, F. **Mil platôs - capitalismo e esquizofrenia. v. 4**. São Paulo: Ed. 34, 1997.

Du Bois WEB. **O Cometa**. São Paulo: Editora Fósforo; 2021.

Du Bois WEB. **As almas do povo negro**. Tradução de Alexandre Boide. Ilustrações de Luciano Feijão. Prefácio de Silvio Luiz de Almeida. São Paulo: Veneta, 2021a.

Ferreira da Silva D. **A Dívida Impagável**. São Paulo: Casa do povo, 2019.

Fonseca WL. **Chupa essa manga: A cena pós coquetel interfaces da aids nas Artes da Cena**. 2020. 155 f. Dissertação (Mestrado em Artes Cênicas) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2020.

Foucault, M. **Em Defesa da Sociedade**: curso no Collège de France (1975-1976). São Paulo: Martins Fontes, 2005.

Giroy P. **O Atlântico Negro**: modernidade e dupla consciência. São Paulo; Rio de Janeiro: Editora 34, 2001.

Godard JC. **Imagem e palavra**. Disponível em: <https://www.netflix.com/title/81003502>. Acesso em: 24 de março. 2023.



Hartman S. **Vênus em dois atos**. Revista ECO-Pós, 23(3), 12–33. 2020.

Hartman S. **O Fim da Supremacia Branca**. São Paulo: Editora Fósforo; 2021.

Hartman S. **O Tempo da Escravidão**. Revista *Periódicus*, 1(14), 242–262. 2021a.

Ingold T. **The Life of Lines**. Londres: Francis & Taylor, 2015.

Klee P. **Notebooks, Volume 1: The Thinking Eye**. Londres: Lund Humphries, 1961.

Kofes S. **O meu propósito era dizer a vocês que o enterro (não) esteve lindo**. ClimaCom – Epidemiologias [Online], Campinas, ano 7, n. 19. Disponível em: <http://climacom.mudancasclimaticas.net.br/entre-a-vida-e-a-morte/>. Acesso em: 24 de março. 2023.

Lima Júnior J. **Corpoética**. Campinas: Texto e Textura, 2013.

Linn da Quebrada. **Linn Da Quebrada é mais uma homenageada da noite** | MTV MIAW 2020. Disponível em: [/www.facebook.com/113418486477/videos/2401480906826500](http://www.facebook.com/113418486477/videos/2401480906826500). Acesso em: 24 março 2023.

Mbembe A. **Necropolítica**. São Paulo: N-1, 2018.

**O diabo, a Carne e o Mundo**. Direção: Randal MacDougall. Produção de Metro-Goldwyn-Mayer Studios Inc. Estados Unidos: Metro Goldwyn-Mayer, 1959. Streaming.

Samain E. **As imagens não são bolas de sinuca**. Como pensam as imagens. In: Samain E (org). Como pensam as imagens. Campinas, S.P.: Editora da Unicamp, 2012, p. 21-36.

Sharpe C. **In the Wake: On Blackness and Being**. Duke University Press, 2016.



# Ambivalências

Revista do Grupo de Estudos e Pesquisa Processos Identitários e Poder - UFS

Seyferth G. **O Beneplácito da Desigualdade**: breve digressão sobre o racismo e outros textos sobre questões étnico-raciais. Rio de Janeiro: 7Letras, 2020.

Stengers, I. **In Catastrophic Times**: resisting the coming barbarism. Paris: Open Humanities Press; Meson Press: 2015.

Tsing, A. **Viver nas ruínas**: paisagens multiespécies no antropoceno. Brasília: IEB Mil Folhas, 2019.